

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MÍDIA: ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE ES- TUDANTES DE COMUNICAÇÃO A PARTIR DE SUAS PRODUÇÕES JOR- NALÍSTICAS

Tárcio M. Fabrício,¹ Mariana D. Silva²
Universidade Federal de São Carlos - Brasil

RESUMO: A investigação reportada no presente trabalho teve como objetivo analisar a inserção das questões ambientais em reportagens produzidas por alunos de um curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, buscando compreender as concepções de Educação Ambiental presentes na argumentação utilizada e a influência de tais concepções na definição dos temas abordados. Os resultados demonstraram uma preponderância de representações identificadas como utilitárias e sem abordagens críticas, em consonância com o discurso presente nos grandes veículos de comunicação. Diante disso, os resultados reforçam a necessidade de se trabalhar o comprometimento de profissionais de comunicação com seu papel educativo no contexto atual.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental. Comunicação Social. Jornalismo. Concepções de Educação Ambiental.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A crescente presença da temática ambiental na mídia tem oferecido um amplo campo de estudos sobre como ela é tratada e sobre as possibilidades de articulação entre práticas comunicativas e atividades diretamente relacionadas à Educação Ambiental (EA). Considerando que grande parte do conteúdo veiculado pelos grandes meios de comunicação apoia-se na reprodução de discursos hegemônicos pautados pelo imediatismo e por uma lógica utilitária e economicista, entendemos que se fazem necessários esforços visando o posicionamento responsável dos profissionais da comunicação, no sentido de fomentar o debate e a participação popular na resolução de conflitos associados às questões ambientais e de contribuir para a oferta de subsídios a uma interpretação crítica sobre as relações ambiente-sociedade (Fabrício, 2011).

1. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos pesquisador do Grupo de Pesquisa “Formação de Professores, Ambientalização Curricular e Educação em Ciências” do CNPq
2. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos e pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Formação de Professores, Ambientalização Curricular e Educação em Ciências” do CNPq

Diante de tal quadro, a presente investigação teve como objetivo analisar a inserção de questões ambientais em reportagens produzidas por alunos de um curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, buscando compreender as concepções de EA presentes na argumentação utilizada. Para além, buscamos também identificar possíveis influências de tais concepções na definição dos temas abordados.

MARCO TEÓRICO

A recíproca influência que se estabelece entre os campos da educação e da comunicação tem gerado debates intensos e um campo fértil para as pesquisas de ambas as áreas dedicadas a uma compreensão mais profunda do potencial estabelecido por tal interface (Braga e Calazans, 2001; Pezzo, 2011). Tais relações, a princípio abordadas em um sentido interpessoal – como, por exemplo, no trabalho de Freire (2002) –, atualmente encontram-se em foco também, e talvez principalmente, no que diz respeito aos chamados meios de comunicação de massa. Nesse contexto, acreditamos que, como porta-vozes de um tempo, tais veículos de comunicação devem assumir responsabilidades em relação ao seu potencial educativo, especialmente no que diz respeito às grandes questões contemporâneas, como são aquelas relacionadas ao meio ambiente. Ao tratar de tais desafios, a comunicação deve romper com os discursos catastróficos (Silva, 2010) e atuar de maneira a contemplar sua complexidade, contribuindo para a participação, atuação e reflexão críticas de seu público (Fabrício, 2011). Nesse sentido, como aponta Dornelles (2008), cabe à comunicação ambiental um papel pedagógico que possibilite a compreensão de conceitos, conhecimentos e vivências que rompam com as esferas econômica e técnico-científica, premissas também desejáveis em uma perspectiva de EA pautada pela transformação social e pela emancipação dos sujeitos (Loureiro, 2004).

Para tanto, é indispensável que se compreendam os argumentos utilizados pelos comunicadores quando abordam tais temas e, sobretudo, a lógica geradora de tais representações, que podem ser entendidas como as concepções, imagens e visões da realidade que os atores sociais produzem em suas práticas sociais. Com esse objetivo, vários autores têm aplicado diferentes tipologias para a categorização das representações sobre meio ambiente. No entanto, considerando o papel educativo que atribuímos à prática dos comunicadores, consideramos especialmente relevante a investigação das concepções de Educação Ambiental presentes em suas produções, tal como proposto por Silva e Campina (2011) e Layrargues e Lima (2011).

METODOLOGIA

Para a condução da presente investigação, foram avaliadas matérias jornalísticas produzidas em 2010 por estudantes de Jornalismo do Centro Universitário de Araraquara (Uniara – Araraquara, SP) e publicadas em formato digital pela Agência Experimental de Notícias da Uniara (www.uniara.com.br/ageuniara), totalizando 296 textos. Os textos para investigação foram selecionados do conjunto de reportagens publicadas em 2010 a partir da presença de palavras chave relacionadas a questões ambientais (Fabrício, 2011). Aqueles textos em que tais termos estavam presentes foram submetidos a análise realizada a partir de seu enquadramento, quanto à sua argumentação, nas categorias de EA denominadas Conservadora; Pragmática; e Crítica (Layrargues e Lima, 2011; Silva e Campina, 2011), brevemente descritas a seguir:

- Conservadora: Com origens vinculadas aos primórdios do ambientalismo. Pauta-se prioritariamente nos princípios ecológicos, tendo baixo potencial transformador;

- Pragmática: De origem urbano-industrial e alinhada ao modelo de desenvolvimento neoliberal, utiliza uma lógica de compensação para corrigir as imperfeições do sistema;
- Crítica: Propõe a reflexão sobre os modos de produção e os mecanismos de controle social, no sentido de buscar um enfrentamento das desigualdades socioambientais de forma participativa e emancipatória.

As matérias também foram submetidas a uma análise quanto às suas temáticas, visando compreender em que sentido a escolha dos temas poderia se relacionar com as concepções de EA identificadas.

RESULTADOS

Os temas relacionados às questões ambientais estiveram presentes em 15% das reportagens analisadas, valor aproximado aos 14% obtidos em investigação anterior sobre a pauta ambiental de um radiojornal (Fabrício, 2011). A análise dessas reportagens tendo como base a utilização das categorias elencadas a partir das vertentes de EA apresentou os resultados apontados na Tabela 1.

Tabela 1.
Distribuição do número
e do percentual de reportagens de acordo com as categorias
propostas por Silva e Campina (2011); e Layrargues e Lima (2011).

Concepção de EA	Nº de reportagens	%
Conservadora	4	9
Pragmática	36	78
Crítica	6	13

A presença em menor número de matérias relacionadas à categoria Conservadora reflete, de certa maneira, um amadurecimento por parte dos comunicadores, uma vez que tal concepção acaba por remeter ao mito de natureza intocada, no qual a ação humana é considerada como necessariamente negativa. Como exemplo de tal representação citamos a reportagem “Código que reduz proteção ambiental está para ser aprovado”, publicada em 10/11/2010, que, embora trate de uma alteração na legislação e, portanto, apresente um viés político, não se aprofunda nesse sentido e não subsidia a compreensão de todas as dimensões envolvidas na discussão. A argumentação transcorre de maneira factual, deixando transparecer unicamente um olhar preservacionista, como revela o trecho: “[...] Como está redigido [o código], tira a proteção da biodiversidade e causará um enorme impacto. Haverá mais desmatamento e aumento da temperatura. Nossas reservas têm de ser protegidas”.

Na categoria Crítica foram elencadas as reportagens que apresentaram argumentos condizentes com a complexidade das questões ambientais e, portanto, apresentaram-se de forma mais abrangente em relação às esferas de influência a que tais questões estão submetidas. Um dos exemplos em tal categoria foi a matéria “Piezoelectricidade é alternativa de energia limpa e ambientalmente correta”, veiculada em 06/10/2010. Apesar da reportagem voltar-se à discussão de novas tecnologias – que, geralmente, como lembra Freitas (2008), são retratadas ora como panaceias salvadoras e ora como vilãs causadoras de todos os problemas ambientais–, a argumentação utilizada consegue abordar por lentes distintas os aspectos relacionados ao tema. Isto evidencia-se no início do texto, com a apresentação do potencial de tal tecnologia acompanhado de suas limitações. Mais além, são abordados os aspectos econômicos

envolvidos nesse tipo de produção energética, para em seguida incorporar a dimensão dos impactos de qualquer estratégia de geração de energia e, finalmente concluir, que: “[...] cada tipo de tecnologia de captação de energia, tanto as convencionais quanto as alternativas, produzem resíduos que afetam o meio ambiente de forma contundente”. Embora alguns aspectos da questão ainda tenham sido deixados de lado, o texto evidencia uma preocupação com a utilização de um enfoque questionador e que apoie uma interpretação reflexiva pelo leitor.

No entanto, a imensa maioria das matérias foi elencada na concepção Pragmática, revelando, de tal sorte, o poder contundente da lógica utilitarista, que trata o ambiente como um recurso que pode ser explorado ou protegido dependendo do humor do mercado (Bueno, 2007). Isto fica evidenciado na reportagem “Plano Diretor precisa equilibrar interesse corporativo e necessidades coletivas”, publicada em 02/11/2010. Já em seu parágrafo introdutório, a discussão do Plano fica condicionada a interesses privados: “O grande desafio da revisão pela qual está passando o Plano Diretor de Araraquara, é encontrar equilíbrio entre os interesses do mercado e o bem-estar do cidadão”. Mais além, o autor apresenta os grupos envolvidos na discussão: “Foram ouvidos os empresários do ramo da construção civil, as imobiliárias, os corretores, os empreendedores do setor, os cartórios de registro de imóveis, os advogados, enfim, os que na prática lidam e aplicam o plano”. Ou seja, contraditoriamente ao que introduz a matéria, apenas a presença dos segmentos do mercado é anotada. Finalmente, o texto conclui que: “[...] precisamos nos adequar às novas necessidades até mesmo da disputa entre as cidades para atrair investimentos”. Assim, a participação popular e os impactos advindos das alterações na regulamentação territorial e ambiental da cidade ficam ofuscadas pelo discurso dos investidores, sem nenhuma ressalva por parte do autor da reportagem.

A lógica utilitarista empregada em relação às discussões ambientais também fica evidenciada na escolha dos temas das reportagens, como mostrado na Tabela 2.

Tabela 2.
Distribuição do número e do percentual
de reportagens de acordo com as temáticas.

Tema	Nº de matérias	%
Clima	3	6,52
Consumo	3	6,52
Desenv. Urbano	2	4,35
EA	4	8,70
Gestão ambiental	7	15,22
Políticas	6	13,04
Poluição	2	4,35
Resíduos	13	28,26
Saúde	3	6,52
Tecnologias	3	6,52

Os resultados encontrados em tal análise reforçam as características que conceitualizam a concepção pragmática de EA, uma vez que a maior parte dos temas está relacionada a questões tipicamente urbanas. As matérias com a temática diretamente relacionada à EA, curiosamente, eram apenas factuais e voltadas à divulgação de eventos ou programas. Por outro lado, foi possível notar a ausência completa de questões relacionadas aos profundos impactos socioambientais gerados no campo – como

os causados pelas atividades agrícolas – e, também, de reportagens que tivessem como foco a conservação da biodiversidade.

CONCLUSÕES

A investigação realizada a partir da utilização das categorias de EA permitiu identificar a preponderância de argumentações acrílicas e atreladas ao atual modelo de desenvolvimento capitalista, numa perspectiva de ajuste dos problemas e entraves ambientais às novas demandas de mercado. Como ressaltam Layrargues e Lima (2011), a adoção de tal postura favorece percepções que, embora carreguem uma perspectiva de um futuro sustentável, o fazem de maneira a não ultrapassar as barreiras políticas e econômicas que submetem uma grande parcela da população à desigualdade socioambiental, garantindo assim a manutenção do *status quo* e, portanto, tendo pouca ou nenhuma efetividade na superação da crise ambiental.

Também nos chama atenção o fato de que os textos analisados, embora produzidos fora das empresas tradicionais de comunicação, mantiveram-se alinhados ao discurso veiculado pela grande mídia, não apresentando questionamentos mais críticos em relação à temática ambiental. Tal constatação reforça a necessidade da inserção de reflexões sobre a Educação na formação dos comunicadores. Por fim, reiteramos a necessidade do estabelecimento de relações mais próximas entre educadores ambientais e comunicadores, no sentido de permitir o estabelecimento de práticas efetivamente dialógicas que levem a processos formativos participativos, críticos e emancipatórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Braga, J. L. B. e Calazans, R. (2001). *Comunicação e Educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker.
- Bueno, W. C. (2007) *Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa*. São Paulo: Mojoara.
- Dornelles, B. C. P. (2008) O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e no ambiental. In: Girardi, I. M. T. E Schwaab, R. T. (orgs.) *Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões*. Porto Alegre: Dom Quixote e NEJ/RS, pp. 43-55.
- Fabrizio, T. M. (2011) Meio ambiente em pauta: investigando as representações ambientais em um radiojornal diário. *Lumina*, 5 (1), pp. 1 – 8.
- Freire, P. (2002) *Extensão ou Comunicação*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, D. (2008) A perspectiva curricular Ciência Tecnologia e Sociedades – CTS – no ensino de ciência In: Pavão, A. C. e Freitas, D. *Quanta Ciência há no Ensino de Ciências*. São Carlos: EdUFSCar, pp. 229 – 237.
- Layrargues, P. P. e Lima, G. F. C. (2011) Mapeando as macro-tendências político - pedagógicas da Educação Ambiental contemporânea no Brasil. *VI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental*.
- Loureiro, C. F. B. (2004). Educação Ambiental Transformadora. In: Layrargues, P. P. (org.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: MMA, pp.65-84.
- Pezzo, M. R. (2011) Ensino de Ciências e Divulgação Científica: Análise das recontextualizações entre as revistas Carta Capital e Carta na Escola. (Dissertação de mestrado). São Carlos: Programa de Pós-graduação em Educação, UFSCar.
- Silva, R. L. F. (2010) Leitura de imagens da mídia e educação ambiental: contribuições para a formação de professores. *Educação em Revista*, 26 (02), pp. 277 – 298.
- Silva, R. L. F. e Campina, N. N. (2011). Concepções de educação ambiental na mídia e em práticas escolares: contribuições de uma tipologia. *Pesquisa em Educação Ambiental*, 6 (1) , pp. 29-46.